



ESPAÇO URBANO, ESPAÇO DA COMUNICAÇÃO

Profa. Dra. Regina Helena Alves da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Este trabalho procura entender o espaço urbano como lugar do encontro e da comunicação, lugar da cena pública onde se desenrolam a diversidade, os conflitos, as práticas e os imaginários sociais compartilhados, as possibilidades de diálogos. Criadores de suas próprias matrizes comunicacionais, os usos da cidade marcam de forma identitária os trajetos que demarcam o espaço. Aqui não é o lugar que congrega as pessoas e sim a intensidade de sentido depositada pelo grupo e seus rituais que converte uma rua, uma esquina, uma praça em território próprio. Esses são lugares de passagem que acabam marcando a cidade a partir das diversas formas de apropriação. O lugar é estabelecido a partir de uma interação comunicativa. É uma comunicação que busca arrancar uma expressividade do espaço estabelecendo a possibilidade e a exigência do diálogo.

PALAVRAS-CHAVE: Interação Comunicativa – Espaço Urbano – Experiência Cotidiana.

Nos propusemos a pensar, neste trabalho a cidade como um fenômeno dinâmico no tempo e múltipla em seu espaço. As configurações do poder e as estratégias governamentais que vêm sendo desenvolvidas não conseguem impedir que os cidadãos façam uso político e recriem a cidade que tem sido vista como um espaço de segregação. Portanto, as respostas às inquietações que têm surgido nos tempos atuais devem ser construídas a partir da percepção de como os cidadãos atuam e se apropriam do ambiente urbano e como organizam suas experiências.

Ao contrário de algumas visões de conjunto sobre o significado da vida na cidade, buscamos a diversidade de manifestações que a cidade engendra, os vários tipos de cultura e a segregação intercultural, social e política.

Nesse sentido, nosso trabalho procurou focar a diversidade e a criatividade político-cultural urbanas, que são as experiências coletivas e conformam a história das práticas sociais, os hábitos preceptivos e a disposição pragmático-imaginativa dos receptores.

Diante do que tem sido chamado de *era da informação* e da disseminação de bens simbólicos transnacionais através do consumo dos produtos gerados pelos meios audiovisuais,

os lugares emergem atualmente como o domínio de práticas político-culturais e de manifestações que transitam entre o local e o global, o nacional e o transnacional, as heranças fragmentadas das antigas culturas populares e a onipresença da cultura de massa. Neste novo cenário, em que se destacam os processos globalizados de consumo no qual se reestruturam as antigas comunidades de pertencimento (como afirma Canclini), os códigos que nos unificam ou que, pelo menos, permitem o reconhecimento das identidades individuais e coletivas, devem ser vistos como *pactos móveis de leitura dos bens e das mensagens*, situados no tecido polifônico das cidades.¹

Milton Santos enfatiza a distinção entre informação e comunicação a partir de Adriano Rodrigues:

podemos nos comunicar com o mundo que nos rodeia, com os outros, e até mesmo conosco, sem procedermos à transmissão de quaisquer informações, tal como podemos transmitir informações sem criarmos ou alimentarmos quaisquer laços sociais...

na experiência comunicacional intervêm processos de interlocução e de interação que criam, alimentam e restabelecem os laços sociais e a sociabilidade entre os indivíduos e grupos sociais que partilham os mesmos quadros de experiência e identificam as mesmas ressonâncias históricas de um passado comum².

Nos tempos atuais, nos diz Santos³, com o papel que a informação e a comunicação alcançaram em todos os aspectos da vida social, o cotidiano de todas as pessoas se enriquece de novas dimensões, principalmente a dimensão espacial.

Ao contrário daqueles que vêem no fenômeno da globalização apenas a desterritorialização dos espaços provocada pela expansão das tele-tecnologias e a proliferação de um imaginário multilocalizado, produzido em escala planetária pela indústria cultural, os lugares, com suas práticas locais, tornaram-se – segundo a expressão de Milton Santos – o teatro da constituição de uma nova identidade, que se orienta mais pela intensidade do que pela longevidade das tradições e a acumulação de experiências passadas.⁴

Embora sejam cada vez mais atravessados pela informação, pela técnica e pela ciências, quando vistos sob a ótica do cotidiano, os lugares revelam-se como o abrigo de comunidades afetivas ou estéticas que compartilham a intensidade mesma da vida, para além de valores e

¹ CANCLINI, 1996. (p. 61-62)

² RODRIGUES, 1994. (p.45)

³ SANTOS, 1996. (p. 187)

⁴ SANTOS, 1998. (p. 106)



sentimentos que propiciam a identificação e o pertencimento comum. A comunidade, contudo, não deve ser vista como algo destituído de conflitos ou desentendimentos: o que deve ser ressaltado aqui é que a intersubjetividade aí forjada, fundadora de todo sentido, contempla tanto o consenso quanto o dissenso.⁵

Domínio de manifestações e fenômenos culturais denominados *mestiços* ou *híbridos* (por mesclarem diferentes componentes), os lugares, com suas práticas materiais e simbólicas particulares, testemunham que à *universalização imaginária do consumo* se contrapõe ações criativas e apropriações originais que promovem novos modos de subjetivação, tanto individuais quanto coletivos.⁶ Constituídas por traços heterogêneos (políticos, estéticos, econômicos) e pela multiplicidade de formas expressivas, essas ações criativas permitem aos sujeitos a conquista de um gesto autopoicionante que os põe diante de uma alteridade ela também subjetiva – sejam outros sujeitos, seja o próprio espaço urbano.⁷

No lugar - um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições - cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contigüidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.⁸

As marcas encontradas no cotidiano, indelevelmente, alimentam um olhar que não se quer tão-somente objetivo ou subjetivo. A ordem das coisas, em constante estado de desordem, contribui para o exercício de ler (compreender?) o mundo. A comunicação, nesse aspecto, cumpre um papel fundamental: ela tece as (des)ordens do cotidiano. No hoje, cabe a ela a tarefa de entrelaçar as histórias. Suas narrativas, atrofiadas ou não, inscrevem-se e escrevem o cotidiano. Entendemos cotidiano como os modos e as práticas de vida que são compartilhados, as práticas culturais que historicamente se experimentam, enfim, os saberes

⁵ JACQUES, 1991. (p. 97-124)

⁶ Beatriz Sarlo adverte, com razão, que se os meios de comunicação de massa levaram à erosão dos antigos poderes, das identidades cristalizadas e dos velhos preconceitos, não se sabe, ao certo se eles poderão garantir as bases para a criação de novos poderes autônomos. Para uma discussão mais detalhada, cf. o cap. III (“Culturas populares, velhas e novas”), de *Cenas da vida pós-moderna*, p. 99-122.

⁷ Nos termos de Guattari, essas ações criam um território existencial auto-referencial em adjacência ou em delimitação com a alteridade. Cf. GUATTARI, 1995. (p. 19)

que se mediam.⁹ Para Michel de Certeau, esse cotidiano oferece “textos de resistência”, escritas que falam, porque o recalque volta para cobrar suas marcas.¹⁰

Nosso objetivo foi pensar a escrita, os textos, enfim a narrativa urbana para além da idéia de fragmentação e ver como a cidade põe o olhar em movimento. Partimos do olhar totalizador, organizado e organizador do urbano e buscamos nos redirecionar para o real da cidade que des-organiza “esse lugar totalizador e, obrigando o movimento, nos disponibiliza para outra apreensão de sentidos”.¹¹

As formas de narratividade da cidade nos permitem acessar o discurso urbano e chegar à produção de sentidos da cidade. Orlandi chama essas formas de significar de flagrantes,

são formas de significar com sua poética, por assim dizer, incluídas na própria forma material da cidade. Não se destacam dela senão como *lembretes* para o exterior. E isso é que faz com que aí se inaugurem outras formas de narratividade que não têm um narrador com seu ‘conteúdo’, nem são textos fechados, destacados das condições de que fazem parte.

São flagrantes do que chamarei de narratividade urbana. A cidade não tem um seu narrador, um seu contador de histórias. A narratividade urbana tem vários pontos de materialização.¹²

Essa abordagem conduz a um encontro de especial subjetividade com a cidade, onde podemos olhá-la como cidade vivida, interiorizada e projetada por grupos sociais que a habitam e com suas relações de uso não só a percorrem como também interverem nas formas de circulação e nos sentidos determinados de fluxos criando outros e redirecionando-os. Neste trabalho levamos em conta os modos sociais de produção de sentidos próprios da cidade.

Escolhemos a rua como um lugar favorável a apreensão das diferentes maneiras pelas quais os habitantes da cidade se apropriam dos espaços de uso comum para fins diversos e consideramos que seu significado é dado pela multiplicidade de usos efetivos que dela se fazem.

⁸ SANTOS, 1996. (p.211)

⁹ Esse modo de olhar o “cotidiano” deriva das reflexões de Martín-Barbero (1997), que, por sua vez, busca ressonância na voz de Agnes Heller, para quem “a vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*”. Cf. HELLER, 1985. p.17, grifo da autora.

¹⁰ CERTEAU, 1994.

¹¹ ORLANDI, 2001. (p.10)

¹² *Idem*, p.11.

Tomamos a rua, neste trabalho, como espaço privilegiado de resgate da experiência da diversidade, possibilitando a presença do forasteiro, o encontro entre desconhecidos, a troca entre diferentes, o reconhecimento do semelhante, a multiplicidade de usos e olhares. Este é o espaço que se opõe àquele do domínio privado da casa. Não se trata aqui da rua espaço destinado ao fluxo, mas a rua que se transforma em moradia, em itinerário de posição, em lugar do trabalho, em local de protesto, passeata e fruição em dia de festa. É a rua vitrine, palco, lugar de trabalho e ponto de encontro. Não se trata da rua em sua materialidade, mas sim da experiência da rua, da rua viva em sua experiência.

Nas ruas ocorrem inúmeros eventos. Nesse trabalho, alguns desses eventos são apresentados a partir da indicação de seus possíveis encadeamentos e relações, referenciando-os no tempo e no espaço. Tudo o que acontece nas ruas é imediatamente compreensível, ainda que nem sempre se apresente em uma seqüência de fatos lineares e transparentes. Muito do que se passa na rua foge à familiaridade.

A rua se torna com freqüência o lugar da novidade, do inesperado. Para isso, contribui o fato de ser a rua o lugar por excelência do outro. Estamos falando aqui do estranho — o outro na sua forma mais radical — e também do outro concebido como aquele com quem mantemos relações sociais. A rua é o lugar onde se dá o social também como espetáculo. Um espetáculo que permite assumir certas identidades, desempenhar determinados papéis e, até certo ponto, escolher os enredos dos quais se vai participar. É o palco por excelência do social. Os diferentes contextos (calçadas, esquinas, janelas, muros, etc.) podem ser recortados como palcos ou platéias. Quer dizer, o que se vê e de onde se vê.

Jane Jacobs chama a atenção em *Vida e morte das grandes cidades americanas* para as múltiplas e variadas ações que se dão nas ruas. São lugares de encontro e trocas¹³. A relação que estabelece com o espaço construído, se bem conectada, faz com que a rua e o espaço sejam complementares. O uso das ruas em diferentes horários dá a ela qualidades diferentes. Fatores como segurança, solidariedade e pertencimento a um lugar dependem das possibilidades de uso da rua. Para ela, a rua, o movimento das vias públicas, tem uma função didática.

A autora define as ruas como os principais lugares públicos das cidades. Sua crítica mais importante é aos urbanistas que projetam parques ou condomínios que dizem oferecer

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação para a Cidadania**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



segurança e, assim, aumentam a segregação do espaço e a insegurança das ruas. A rua tem que contar com vários olhos que a resguardem de estranhos e ameaças.

Seguindo a noção de espaço público de Jacobs, Stephen Carr o define como “a plataforma comum onde o povo leva a cabo as atividades funcionais e rituais atam a comunidade, tanto nas rotinas diárias como nas festividades periódicas”.¹⁴

Sennet, criticando Jacobs a chama de “culturadora do passado” e denuncia uma confusão entre as esferas públicas e privadas: “as pessoas tratam em termos de sentimentos pessoais os assuntos que somente poderiam ser adequadamente tratados por meio de códigos de significação impessoal”.¹⁵ Segundo Sennet, há uma ansiedade derivada do movimento da vida moderna: cada indivíduo se acha no direito absoluto do movimento, sem restrições. O automóvel é o principal meio deste exercício; as políticas de transporte, sua adequação. “Uma vez que se tornou sua função de movimentação, o espaço público perde todo o sentido próprio independente para experimentação”.¹⁶

Para Sennet, existe um contraste entre as ruas com autoria (aquelas que foram cuidadosamente traçadas) e as ruas sem autor, as ruas de descoberta.¹⁷

O que perturba a seqüência linear traçada para a cidade é a rua onde se cruzam as diferenças. Ruas plenas de vida são uma realidade que escapa ao planejador urbano.

Se partirmos de uma nova significação visual da linearidade, as ruas lineares podem trazer para o projeto urbano uma vida tumultuada, problemática, com múltiplas possibilidades como manifestações sociais e festas de rua.

Em que pese o fato da arquitetura da cidade ter sido concebida com o fim de impedir revoltas sociais, por vezes os mesmos espaços hierarquizados, largos e iluminados, foram apropriados pelos movimentos sociais em seu benefício. Pelo fato da rua ser o lugar por excelência da troca entre diferentes, quando esta troca não se dá harmoniosa e espontaneamente com a convivência dos setores dominantes, as classes populares surgem no espaço público, ocupando a rua e se apropriando do seu potencial contestador e divulgador.

¹³ JACOBS, Jane. *Vida e morte das grandes cidades americanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

¹⁴ CARR, 1992. (p. X)

¹⁵ SENNET, 1988. (p. 18)

¹⁶ *Idem*, p. 28.

¹⁷ SENNET, 1992. (p. 87)



Assim, buscamos entender a rua como suporte de múltiplos usos, ou seja, como suporte da experiência.

porque está-se falando não da rua em si, mas de experiência da rua, então é possível também descobrir onde, em meio ao caos urbano, ela se refugiou — já não como espaço de circulação mas enquanto lugar e suporte de sociabilidade. Talvez se descubra, por exemplo, que para determinados grupos e faixas etárias e em determinados horários seja o espaço do shopping-center que ofereça a experiência da rua; para outros, recantos do centro como galerias e imediações de certas lojas é que constituem o local de encontro, troca e reconhecimento; na periferia, um salão de baile nos fins de semana, ou a padaria no final do dia são os pontos de aglutinação; às vezes, um espaço é hostil ou indiferente durante o dia, mas acolhedor à noite. E assim por diante.

Esta é a riqueza que caracteriza a experiência urbana e que a rua, em sua relação metonímica com a cidade, evidencia. Não se pode ler a cidade a partir de um eixo classificatório único: é preciso variar os ângulos de forma a captar os diferentes padrões culturais que estão na base de formas de sociabilidade que existem, coexistem, contrapõem-se ou entram em confronto no espaço da cidade.¹⁸

A rua é vista por nós, neste trabalho, como lugar onde acontecem desde a agitação de todos os dias até as celebrações especiais: as procissões, os desfiles, os comícios, as passeatas, o carnaval...

As manifestações na rua compõem a cidade por trajetos. Estabelecem uma circulação que vai se fazer visível, descentrando e desestruturando a cidade. As formas de apropriação da rua retribuem trajetos já pré-determinados e traçam outros percursos que redirecionam momentaneamente os fluxos de circulação.

Criadores de suas próprias matrizes comunicacionais, os usos da rua marcam de forma identitária os trajetos com que demarcam o espaço. Aqui não é o lugar que congrega as pessoas e sim a intensidade de sentido depositada pelo grupo e seus rituais que converte uma rua, uma esquina, uma praça em território próprio. Esses são lugares de passagem que acabam marcando a cidade a partir das diversas formas de apropriação. O lugar é estabelecido a partir de uma interação comunicativa. É uma comunicação que busca arrancar uma expressividade do espaço estabelecendo a possibilidade e a exigência do diálogo.

Partimos da noção que os espaços urbanos já se encontram tão distendidos e fragmentados que hoje seria impossível apreendê-los exclusivamente pelo contado direto. Não

¹⁸ MAGNANI, www.aguaforte.com.br. (23/03/2000)



existe a possibilidade hoje da rua, como fora outrora, ser vista como o interior de uma casa, um local atrativo e aconchegante. Espaço privilegiado do encontro com o desconhecido, a rua se transformou numa artéria funcional — como inicialmente projetada? — cujo papel não é promover a apropriação coletiva da cidade, mas facilitar o deslocamento cada vez mais rápido dos automóveis. Se, antes, ela agasalhava as festas urbanas, estimulava o contato entre estranhos, hoje, mais do que nunca, a rua desfavorece o surgimento do coletivo urbano, do cotidiano partilhado. Hoje a rua projeta a imagem de lugar da guerra e do medo.

Hoje assistimos ao esvaziamento e desertificação de algumas áreas urbanas que estão se deteriorando (como as áreas centrais de algumas cidades) e ao que é denominado “falência do espaço público urbano” como um local privilegiado de sociabilidade. A idéia de insegurança como situação inalterável mostra ruas e centros urbanos como espaços desligados da vida social necessária à sua revitalização, como refúgio para camadas mais ou menos subterrâneas da cidade (os moradores de rua) que proliferam e fazem proliferar a vigilância forçada.

Pensar a cidade a partir do espaço público nos permite acessá-la para além do mero plano urbanístico, onde as funções e os usos já seriam pré-determinados, e entendê-la enquanto um espaço que é constantemente alimentado com doses maciças de atividades - políticas, sociais, econômicas e culturais.

Nesse caso a rua é tomada como um espaço de produção de “mensagens” que marcam muros, portões, caixas de força; e/ou como lugar instituidor de trajetos; e/ou, como um conjunto de regras que regem os habitantes da cidade. Assim, a rua se constitui em um veículo gerador de experiências interativas e de novas formas de sociabilidade. Aqui nos utilizamos das noções de “experiência” e de “comunicação”, encontradas nos textos de Walter Benjamin, que possuem um sentido convergente: traduzem a idéia de transmissão e de partilha de uma mensagem.

Temos assim uma interação entre a topologia do espaço, os trajetos desenhados pelo percurso dos usuários da cidade e os signos que vão sendo inscritos nos suportes urbanos. Pensamos assim em uma escrita da cidade enquanto um conjunto de textos que atuam na vida dos cidadãos. E, finalmente, na constituição de um “diálogo público” onde



o espaço físico é preenchido por um vocabulário que se declina a partir de diferentes ‘lugares’ e de variadas práticas. Como essas práticas são relacionais, pois se desenvolvem sob um espaço comum, suas interpretações dependem do contexto no qual se inscrevem. Igualmente, elas são orientadas segundo a localização; todavia, ao mesmo tempo que esses lugares modificam o sentido das práticas, eles são simultaneamente transformados por ela.¹⁹

Assim, a rua se transformou em lugar do encontro e da comunicação, lugar da cena pública onde se desenrolam a diversidade, os conflitos, as práticas e os imaginários sociais compartilhados, as possibilidades de diálogos. Algumas de nossas ruas se constituíram em espaços públicos que congregam toda a carga simbólica da imagem de uma cidade, de suas formas de sociabilidade e, principalmente, de constituição de uma cidadania qualificada onde as diferenças impostas pela apropriação dos espaços urbanos podem encontrar lugares de igualdade.

Referências bibliográficas

- CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- CARR, Stephen et alii. *Public Space*. New York: Cambridge University Press, 1992.
- CERTEAU, Michael. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- GOMES, Paulo César da Costa. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- GUATTARI, Félix. *Caosmos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- JACOBS, Jane. *Vida e morte das grandes cidades americanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JACQUES, Francis. Consensus et conflit: une réévaluation. In: PARRET, Herman. (Org.). *La communauté en paroles: communication, consensus, rupture*. Liège: Mardaga, 1991.

¹⁹ GOMES, Paulo César da Costa. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. (p. 165)



MAGNANI, José Guilherme Cantor. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. In:

www.aguaforte.com.br. (23/03/2000)

ORLANDI, Eni P. (org). *Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*.

Campinas, SP: 2001.

RODRIGUES, Adriano. *Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação*.

Lisboa: Presença, 1994

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. Das modas ao modo: trajetórias da geografia humana. *Revista Sexta-feira*
nº 3, out. 98.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SENNET, Richard. *La ville à vue d'oeil*. Paris: Plon, 1992.

SENNET, Richard. *O declínio do homem público*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.